

A Sociologia e as migrações

Jalcione Almeida*
Cinara L. Rosenfield*

Neste número 49, a revista *Sociologias* traz aos seus leitores o dossiê “Sociologia das migrações: entre a compreensão do passado e os desafios do presente”, organizado por Oswaldo Truzzi e Karl Monsma. Bastante atual, em plena evidencição sociopolítica, levantando múltiplas questões, gerando polêmicas e preconceitos e mobilizando o debate, este tema tem recebido especial atenção das ciências sociais, particularmente da sociologia.

Desde o início do século XX, com a publicação da clássica obra de William I. Thomas e Florian Znanieck (2012) – um estudo sobre migrantes poloneses publicado em cinco volumes entre 1918 e 1920 –, as migrações ganharam destaque nas abordagens das ciências sociais. Também na demografia, geografia, economia, história, direito e psicologia, o tema tem provocado muitas e variadas análises teóricas e metodológicas. Na sociologia, a partir do estudo acima, o tema das migrações passa a ocupar uma posição de destaque, ganhando visibilidade

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Brasil.

e renovando-se, nos últimos 20 anos, a partir dos diversos eventos migratórios ao redor do mundo. No Brasil, a sociologia das migrações teve grande importância nos debates nacionais e foi tratada pelos principais cientistas sociais, particularmente Florestan Fernandes, Eunice Durham, Ruth Cardoso e Octavio Ianni, entre outros. Este tema volta recentemente ao primeiro plano do cenário nacional com a migração de brasileiros para o exterior e com a chegada ao Brasil de migrantes do “sul global”¹.

Os efeitos dos eventos migratórios, por sua vez, têm atingido dimensões dramáticas, colocando gestores políticos e cientistas sociais frente a desafios fundamentais nas sociedades atuais. Para estes, o tema traz à baila uma ampla diversidade de elementos teóricos e empíricos, desafiando-os no entendimento do social.

Os fluxos migratórios, ao reposicionarem geograficamente os indivíduos, portadores de histórias e culturas particulares em sociedades diversas, acabam por resignificá-las. A história social e cultural das sociedades ao longo do tempo, sob efeito das diferentes e variadas migrações, mostra bem esse processo.

Por vezes tema tabu, com olhares e ações preconceituosos, polarizado socialmente, este fenômeno social coloca a necessidade de discussão ampliada e democrática nas sociedades atuais. A sociologia se apresenta como uma área científica que muito pode colaborar – e tem feito isso – e o **dossiê** que *Sociologias* ora apresenta vem nessa direção. Os enfoques aqui referidos, tanto em termos de abrangência internacional, como nas dimensões temporal e teórico-analítica, demonstram a pertinência e importância desta disciplina científica no tratamento do tema.

¹ Em relação à importância do debate sobre as migrações no momento atual brasileiro e sua relevância para a sociologia, ver, entre outros, Oliveira (2018) e Cavalcanti e Oliveira (2018).

O presente dossiê traz abordagens que versam, por exemplo, sobre as migrações como moldadoras da formação histórica da América Latina, das representações “problemáticas” dos “novos migrantes” na Europa e na América do Norte, da distinção entre refugiados e migrantes, ou ainda como os migrantes foram (são) abordados nas Ciências Sociais brasileiras.

De modo geral, a problemática em torno das migrações tem sido tratada nas Ciências Sociais enfocando-se os padrões, os ritmos das migrações internacionais e os contextos de interdependência socioeconômica e sociopolítica que as configuram. Particular enfoque tem sido dado à caracterização de fluxos populacionais Sul-Norte no período do pós-guerra e às políticas de recrutamento de mão de obra migrante. Tendências atuais dos fluxos imigracionistas têm sido igualmente objeto de estudo, destacando-se os movimentos migratórios no contexto de globalização, as migrações Leste-Oeste, as migrações em massa das regiões rurais para as cidades, e a perda de sentido de categorias tradicionais de migrantes. Para os organizadores deste dossiê, os estudos monográficos têm sido a tônica, contribuindo para uma “subteorização” na disciplina sociológica. Este dossiê, segundo eles, “pretende contribuir para mitigar tal viés”, propondo contribuir também para “desfazer preconceitos e alargar a compreensão acerca dos fenômenos migratórios” (Truzzi; Monsma, 2018).

Na seção **Artigos**, este número de *Sociologias* traz, por primeiro, o texto de Pedro Henrique Moschetta e Jorge Vieira, do Instituto Universitário de Lisboa, Portugal, que trata do consumo de música na era do *streaming*, serviços que buscam facilitar/ampliar o consumo e a descoberta de músicas gravadas ao oferecer acesso irrestrito e sob demanda a uma gigantesca coleção musical a partir de qualquer dispositivo *online*, em qualquer hora ou local. Pensando a música como veículo cultural

que transporta as pessoas entre estados emocionais e que, com frequência, está associada, por intermédio de convenções, a cenários sociais, os autores abordam questões relacionadas aos novos mercados de bens culturais como a desmaterialização da música e a ampliação do acesso a conteúdos, assim como suas contrapartes: a superabundância, o “consumo onívoro”, a êxtase do consumo, entre outras. Combinando entrevistas e análise de dados, os autores mostram que a facilidade de acesso incentiva a descoberta de novas músicas, tornando a experiência de consumo mais diversificada e fragmentada, e demonstram o papel fundamental das *playlists* como principal forma de descoberta e coleção musical. Os autores concluem afirmando que a experiência de consumo de música na era do *streaming*, ao mesmo tempo, reflete a condição da informação na era digital – abundante, fragmentada e não linear – e revela um lastro histórico em formas anteriores/tradicionais de seleção do que ouvir, como estações de rádio e *playlists*. Nesse sentido, não cria novas lógicas de consumo e sim adaptações de anteriores. Por outro lado, o consumo musical gradualmente deixa a esfera pública para tornar-se mais individualizado e móvel, com o uso de dispositivos portáteis e da curadoria possibilitada pelos serviços de *streaming*.

Luiz Gustavo da Cunha de Souza, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), por sua vez, tem por objetivo central esboçar uma discussão teórica a respeito de relações de demarcação e hierarquização simbólicas que poderiam ser descritas por meio da categoria analítica de desconhecimento. Este conceito, conforme é apresentado nos recentes debates envolvendo a teoria do reconhecimento, formulada por Axel Honneth, e o lado negativo das relações de reconhecimento, visa explicitar formas de exercício do poder por meio das quais grupos privilegiados denegam a outros grupos ou indivíduos

a possibilidade de participar em condições de igualdade nas esferas institucionais de reconhecimento que legitimam as sociedades modernas. Particular atenção é dada a dois casos de corrosão das normas implícitas de reconhecimento: i) às formas de animosidade que buscam justificar estas práticas por meio do recurso à constituição de um imaginário sobre grupos diferentes, assim atribuindo a estes últimos certas características negativas; e ii) a alguns exemplos da tradição do pensamento social brasileiro e de um eventual aguçamento das tensões políticas e de suas consequências para as tentativas de demarcação simbólica observadas no país.

Em artigo sobre as identidades e novas direções da crítica cinematográfica brasileira, Eliska Altmann e Bruno Sciberras de Carvalho, respectivamente da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), propõem um estudo de caso a partir da recepção do filme *Vazante* no contexto nacional, buscando indicar hipóteses sobre novas direções da crítica, dentre as quais se destacam a ênfase em dimensões de pertencimento identitário, a valorização de participação presencial e direta nos debates, e a indicação de conhecimento proveniente da crítica. Os autores argumentam que tais direções expressam demandas relevantes por conferir visibilidade a reivindicações de justiça e ao sentido histórico de desigualdades, em particular a seus efeitos no campo cinematográfico. Notam-se, também, possíveis impasses indicados pela crítica cinematográfica, sobretudo aqueles referentes a aspectos que fundamentaram parâmetros críticos convencionais.

Na seção **Interfaces**, Elenita Malta Pereira, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em uma abordagem histórico-sociológica, trata das diferentes dimensões presentes nas representações humanas sobre a natureza: a sensibilidade

ecológica, ou seja, a manifestação dos sentimentos e percepções humanas em relação ao mundo natural, e o ambientalismo, movimento construído historicamente, de caráter global, porém multifacetado, disperso em diversas vertentes, que se dedica à proteção e conservação do ambiente natural e humano. O objetivo do artigo é analisar a historicidade dessas dimensões, considerando alguns de seus defensores e críticos. A discussão leva, finalmente, ao entendimento da relação dos humanos com a natureza como um problema tanto histórico quanto ético-moral.

Por fim, na seção **Resenhas**, o livro de Gregory Claeys, *Dystopia: a natural history* é resenhado por Vittorio da Gamma Talone, do Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP)/ Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). O resenhista abarca a obra de Claeys mapeando o que este autor chama de história natural da distopia, cujo objetivo é dar conta da passagem, na sociedade, dos medos naturais (deuses, monstros) para os medos sociais (tecnologias opressivas, totalitarismo). Talone analisa como o autor resenhado busca, atentando a fatos históricos, mitos, religiões, sistemas políticos e à chamada “literatura distópica”, dar conta da dimensão comportamental-emocional e das sensações definidoras de distopias para diferentes grupos e sociedades.

Já Juliane Sant’Ana Bento, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), resenha o livro *El clientelismo político: desde 1950 hasta nuestros dias*, de Gabriel Vommaro e Hélène Combes. Segundo a resenhista, a obra apresenta um panorama didático e imprescindível dos estudos sobre o clientelismo, inclusive em sociedades contemporâneas. A obra também representa uma contribuição fundamental para as ciências sociais ao ampliar a perspectiva da denúncia, ressaltando que o clientelismo é noção dificilmente dissociada

de uma intenção moral e, especialmente, indagando em que medida os diagnósticos intelectuais da patologia da política são mobilizados na condição de crítica, deslegitimação ou desqualificação das práticas dos oponentes na luta política.

Tenham todos uma boa leitura.

Os Editores

Referências

1. CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Marcio de. O tema das migrações internacionais na sociologia no Brasil. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 6, n. 12, p. 1-26, jan.-abr. 2018.
2. OLIVEIRA, Márcio de. A sociologia da imigração no Brasil entre as décadas de 1940 e 1970. **Sociologias**, v. 20, n. 49, p. 198-228, 2018.
3. THOMAS, William I.; ZNANIECKI, Florian. **The polish peasant in Europe and America**. Charleston: Nabu Press, 2012. 610p.
4. TRUZZI, Oswaldo; MONSMA, Karl. Sociologia das migrações: entre a compreensão do passado e os desafios do presente - apresentação. **Sociologias**, v. 20, n. 49, p. 18-23, 2018.